



RISO E FUNÇÃO SOCIAL NA FILOSOFIA DE BERGSON

PAULO DEIMISON BRITO DOS SANTOS¹

RESUMO: Esse artigo tem como objeto o significado do riso e sua função social propostos pelo filósofo francês Henri-Louis Bergson (1859 - 1941) em sua obra *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade* (1899). Nossa investigação visa especificamente às noções de riso e comicidade no pensamento do filósofo. O riso, para Bergson, possui uma função social. Essa função diz respeito a uma tentativa de correção da insociabilidade, da rigidez e do automatismo que se apresentam no homem, características tais que, aos olhos da sociedade, poderiam ameaçar a convivência pacífica entre os indivíduos e, portanto, a ordem social.

PALAVRAS – CHAVES: Bergson, riso, sociedade.

ABSTRACT: This article aims at the meaning of laughter and its social function proposed by the french philosopher Henri-Louis Bergson (1859-1941) in his work *Laughter: An Essay on the Meaning of the Comic* (1899). Our research specifically addresses the notions of laughter and comedy in the philosopher's thinking. Laughter, for Bergson, has a social function. This function concerns an attempt to correct the unsociability, rigidity and automatism that appear in man, characteristics that, for the society, could threaten the peaceful coexistence between individuals and, therefore, the social order.

KEYWORDS: Bergson, laughter, society.

Para Bergson, o riso é objeto de reflexão filosófica e possui função social. Deste modo, para compreender a significação do riso em sua filosofia “é preciso coloca-lo em seu meio natural que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil” (BERGSON, 2007, p. 6). Será então a partir do contexto social que guiaremos com o filósofo nossa reflexão sobre o riso, isto é, da vivência do homem em sociedade.²

Inicialmente Bergson guia seu leitor a compreender três observações fundamentais para o entendimento do riso no âmbito social, a saber: primeiramente, o riso é uma manifestação propriamente humana, só o homem ri e faz rir. Um animal, objeto ou paisagem somente são risíveis na exata medida em que seja possível perceber neles uma atitude humana de adestramento ou modificação da sua natureza. Sendo assim:

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: paulodmss@gmail.com.

² Para mais estudos sobre o riso em Bergson e na história do pensamento, conferir: SIBERTIN-BLANC, G. “Le rire comme fait social total (éléments de sociologie bergsonienne)”. In: *Lire Bergson*. Presses Universitaires de France – PUF, 2e édition, 2013 e MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia; nunca será risível. Rimos de um animal, mas por termos surpreendido nele uma atitude humana ou uma expressão humana. Rimos de um chapéu; mas então não estamos gracejando com o pedaço de feltro ou de palha, mas com a forma que os homens lhe deram, com o capricho humano que lhe serviu de molde. (BERGSON, 2007, p. 2-3)

A segunda observação destaca o riso como inimigo da emoção. Ou seja, para perceber a comicidade no homem é necessário distanciamento e não compadecimento com uma situação séria, pois, caso haja compadecimento não haverá riso. Nesse sentido, haverá insensibilidade de quem ri. O que fica explícito na seguinte passagem:

Parece que a comicidade só poderá produzir comoção se cair sobre uma superfície d'alma serena e tranqüila. A indiferença é seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção. Não quero com isso dizer que não podemos rir de uma pessoa que nos inspire piedade, por exemplo, ou mesmo afeição: é que então, por alguns instantes, será preciso esquecer essa afeição, calar essa piedade. (BERGSON, 2007, p. 03)

Conforme o texto, quando um indivíduo ri de outro ocorre certo esquecimento da afeição e da piedade que poderia nutrir por este, isto é, a situação cômica manifesta a insensibilidade de quem ri. Por exemplo, se um homem tropeça e cai, aquele que observa tal situação piedosamente se comoverá com a dor do outro na queda. Mas o mais provável de ocorrer é que a situação seja vista de forma insensível, dando lugar ao riso. Por isso Bergson dirá que a insensibilidade que acompanha o riso é de ordem intelectual, não concerne à emoção. A razão percebe que o homem não desviou de uma pedra e tropeçou, daí o riso. Assim, o riso cômico exige certa anestesia momentânea da emoção, exige insensibilidade. Neste sentido, a insensibilidade sempre acompanha o riso.

Não se sensibilizar diante de uma situação propõe a visão do lado risível da mesma, ou seja, da comicidade, pois, não haveria comicidade caso as situações fossem sempre percebidas como sérias e até mesmo trágicas. Por isto, Bergson propõe:

Que o leitor agora se afaste, assistindo à vida como espectador indiferente: muitos dramas se transformarão em comédia. Basta taparmos os ouvidos ao som da música, num salão de baile, para que os dançarinos logo nos pareçam ridículos. Quantas ações humanas resistiriam a uma prova desse gênero? E não veríamos muitas delas passar de chofre do grave ao jocoso, se as isolássemos da música de sentimento que as acompanha? Portanto, para produzir efeito pleno, a comicidade exige enfim algo como uma anestesia momentânea do coração. Ela se dirige a inteligência pura. (BERGSON, 2007, p. 4)

Refletindo sobre a passagem acima, entendemos que se assistirmos a vida como espectadores e não nos envolvendo em seus acontecimentos veremos que muitos dramas da vida real se transformarão em comédia, pois a comicidade é percebida pela reflexão de uma situação e não pela sensibilização com ela. Conforme pensa Bergson, quando rimos de uma

situação séria ou trágica é porque calamos a sensibilidade e exercemos a inteligência. Para o filósofo, a visão da comicidade é intelectual e desse modo haverá compartilhamento da reflexão sobre o riso com outras inteligências, isto é, com outras pessoas de um determinado grupo social que compreendem determinado objeto, pessoa ou situação como risíveis.

A terceira observação está relacionada à característica coletiva do riso. Para Bergson, o riso ocorre na comunhão entre os homens a partir de um grupo social e visa castigar àqueles que se mostrem rígidos e insociáveis às adaptações que a sociedade espera de cada homem. Como afirma Bergson, o riso é sempre de um grupo, então ele precisa de eco para exercer sua função de correção social. Isto é, quanto maior o espalhar-se do riso, do seu eco, mais atingirá seu objetivo de denunciar o enrijecimento do homem, castigando-o, fazendo-o pensar sobre sua condição (BERGSON, 2007, p. 5).

Pensar sobre sua condição poderia levar o homem, enquanto ser possuidor de alma e corpo, a tentar equilibrar-se diante das mudanças inevitáveis da vida, despertando para o risco do automatismo, o lado mecânico da vida, ou seja, o lado cômico. Por exemplo, o homem que não desviou de uma pedra, tropeçou e caiu estava distraído em seus hábitos diários, automáticos, assim não percebeu o obstáculo, a pedra. Desviar do obstáculo seria uma mudança no seu percurso habitual modificando com isto o movimento habitual do seu corpo a fim de não se tornar alvo de riso. Mas além da rigidez corporal, o riso, enquanto ferramenta de controle, pode também visar enquadrar indivíduos “distraídos” nos padrões sociais compartilhados.

A reflexão sobre o riso em Bergson traz, portanto, uma discussão sobre o equilíbrio social, pois, o riso impõe ao homem sociabilidade. Desse modo, o riso se dirige a um homem de modo a adequá-lo às normas sociais e à própria convivência com os outros. Mas também possui a função de corrigir e até mesmo humilhar o indivíduo insociável, seja por seu caráter rígido em algum aspecto, seja por alguma deformidade corporal.

Entendemos que na reflexão de Bergson a sociedade sobrevive do controle de seus membros a partir das organizações sociais de modo que a liberdade individual deveria estar em consonância com as normas estabelecidas. Caso haja divergência, isto é, inadaptação às regras, o riso entraria em ação para acordar o homem da sua insociabilidade, isto é, de sua inadequação para integrar-se à convivência pacífica e padronizada que a sociedade espera de cada homem. Desse modo, o controle social se sobrepõe às liberdades individuais para torná-las sociáveis e adequadas à convivência em sociedade.

Para o filósofo (BERGSON, 2007, p. 58), paixões, sentimentos, tudo o que se refere à lei variável de cada indivíduo não é sentido de forma igual em cada um, como espera a sociedade. No entanto, Bergson (2007, p. 118) afirma que se cada homem fizesse explodir seus sentimentos, suas excentricidades, desejos e inquietações, isto é, se cada um os exprimisse em total liberdade, o risco de desorganização social seria grande, de modo que os acordos sociais visando o bom convívio são úteis até mesmo à sobrevivência humana. E aí o riso, através da arte da comédia, cumpririam bem este papel auxiliar à sociedade.

Contudo, Bergson (2007, p. 118) considera que a individualidade dos sentimentos humanos pode ser sentida e expressa em equilíbrio com a convivência social para que de algum modo não haja repressão dessa condição em favor de uma sociedade onde todos pareçam marionetes, e onde qualquer expressão diversa de sentimentos e desejos seja considerada como um desvio ou até mesmo um defeito. Ao contrário da arte cômica, que serve a uma função útil, a arte dramática seria então a expressão máxima de sentimentos profundos, muitas vezes reprimidos em vista do convívio social.

No contexto geral de sua obra, Bergson critica o reducionismo com que a psicologia define o homem de maneira uniformizada, auxiliada pela linguagem em seu poder de criação conceitual. A ciência do homem padroniza a sensibilidade assim como a física simboliza o real. Assim, em sua primeira obra, o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, Bergson afirma que o molde de classificação dos sentimentos em intensidades, em um padrão que é sentido por todos da mesma forma, seria uma maneira equívoca de compreender o homem e sua individualidade. Neste diálogo com a psicologia clássica, o filósofo critica, portanto, uma classificação conceitual do “eu” limitada à ideia de personalidade, uma que limita o aspecto qualitativo do homem, seus sentimentos, desejos e emoções, a uma mecânica do corpo. Vemos, a partir de outro aspecto, o social, essa crítica reaparecer n’*O riso*.

Na obra *O riso*, Bergson mostra que o homem, diante das regras sociais, deve buscar equilíbrio. Isto é, no convívio social o homem deve equilibrar-se quanto a seus desejos e sentimentos e quanto à sua expressão social a fim de não tornar-se alvo do riso, da humilhação. Esta é a utilidade do riso, a saber, manter a sociedade organizada a partir de um ideal de perfeição criado por ela mesma. Nessa discussão, o riso deve possuir a função de equilibrar e manter as superficialidades da vida social. Desse modo, para o filósofo, o riso não julga o homem de modo justo, pois, ao generalizar os comportamentos, não possibilita a reflexão sobre a individualidade de cada um. Com isso, observa-se que a função social do riso apresenta o lado negativo da natureza humana, pois não é justo com as individualidades

quando essas incomodam a sociedade e se mostram como perigo para manutenção da ordem imposta.

Daí surge uma tensão: por um lado, se todos os homens expressarem seus sentimentos, desejos e até mesmo vontades de forma livre, haverá uma nova maneira de viver em sociedade e isso a sociedade não quer, ou seja, não visa modificar-se em novas formas de viver, pois, nela deve haver controle e padrão de vivência social seguidos por leis e normas que definem um sistema de sociedade organizada. Isso exprime a ideia de que os homens como parte da sociedade civil precisam manter a ordem e a convivência pacífica. Por outro lado, em toda comunidade de indivíduos, a ordem é necessária. Afinal, a expressão e realização permanente dos desejos pessoais, preferências e opiniões encontra seu limite quando interfere na vida do outro. Nisso consiste o bom convívio social. O filósofo não se opõe a isso, porém, defende e considera a importância da individualidade do homem, seus sentimentos e desejos, pois, esses sentimentos são expressão de sua personalidade e distinguem um homem do outro.

Essa seria a função da filosofia mostrada por Bergson na obra *O riso*, ou seja, a reflexão filosófica poderia propor ao homem perceber a maleabilidade da sua vida, isto é, dos seus sentimentos e das diferenças em cada homem junto às mudanças que podem ocorrer em contraposição à mecanização social, isto é, ao modo de expressão social do homem que exigirá em algum momento maleabilidade para diminuir o seu aspecto mecânico. Desse modo, o riso visa corrigir a mecanicidade instalada no homem pela própria sociedade através das instituições sociais de modo a mostrar o que há de mecânico no homem. Ou seja, mostrar a uniformização e o automatismo dos movimentos do corpo, da linguagem e dos rituais vistos por Bergson como disfarces que adaptam o homem às exigências da vida social (BERGSON, 2007, p. 33-35).

O riso possui também a função de relaxar a tensão social do homem, isto é, sua inserção irrefletida nas suas funções sociais de modo a denunciar esse fato como mecânico. Nesse ponto, o riso apresenta um sentido ambíguo em Bergson: do mesmo modo que castiga as individualidades para que se adequem à sociedade, o riso também seria uma resposta à mecanização da falta de flexibilidade do homem para se equilibrar na vida, isto é, para se equilibrar entre seu aspecto mecânico (social) e o aspecto maleável (individual), forças distintas que fazem parte da vida do homem conforme mostrou o filósofo (BERGSON, 2007, p. 103).

O rígido em oposição ao flexível seria o que o riso ressalta e gostaria de corrigir. Em outras palavras, o rígido, o mecânico, o estereotipado são categorias que definem o homem como coisa, isto é, como marionete ou fantoche e não há reflexão sobre essa condição. E para a sociedade, segundo Bergson (2007, p. 14), não basta só viver, mas, viver bem. Viver bem é estar adaptado à norma, é ser feliz segundo o que a sociedade entende por felicidade. Além disso, percebemos também a crítica do filósofo à sociedade mecanicista industrializada de sua época, isto é, a mecânica *versus* a atividade livre do homem.

O filósofo mostra imagens risíveis que vão desde a forma mais ampla, isto é, a visão exterior da sociedade até a imagem mais específica, o homem em sua vida social. A primeira imagem se direciona à própria sociedade. Seria então como perceber de forma exterior o que é a sociedade e em seguida observar o que há de risível nela. A sociedade, segundo Bergson (2007, p. 33), é um organismo vivo, contudo, risível porque se disfarça através da organização social por regras e leis que demonstram uma máscara em favor da adaptação recíproca entre os homens. Dessa maneira, todo disfarce e fantasia são risíveis, cômicos. Assim, o homem que se fantasia ou parece fantasiado também é cômico (BERGSON, 2007, p. 31). Por exemplo, um homem que veste uma roupa de uma época passada poderia ser considerado cômico se pensarmos na moda atual.

As noções de disfarce e fantasia abordadas por Bergson (2007, p. 33-34) estão relacionadas às adequações do homem às instituições sociais e seus decoros e exprimem o lado superficial da vida, encobrendo as diversas individualidades. Sendo assim, a sociedade parece se disfarçar em cerimoniais, condecorações, tribunais e instituições tais que, a um olhar atento, podem demonstrar o comportamento humano como o de marionetes controladas por regras ou redes sociais e decoros. O comportamento mecânico é sempre objeto de riso, para Bergson. Para o filósofo, perceber essa mecanização da sociedade faz compreender a imagem risível que ela transmite. Regras, leis, cerimoniais de todo tipo, condecorações de todas as formas e instituições sociais representam uma rigidez em favor do controle social na manutenção da sociedade civil. Essa visão da sociedade para Bergson é um disfarce. Assim, a sociedade se mostra risível, pois, se entende que a organização social impõe um controle sobre o homem e ao refletir sobre este fato vemos que o disfarce provoca o riso. No entanto, talvez uma sociedade mais flexível seja possível desde que o conjunto dos homens reunidos passe a aceitar o novo que compõe a vida enquanto fluxo de duração.

No âmbito rígido da sociedade, não são apenas os desvios de caráter que são punidos pelo riso cômico. Bergson (2007, p. 16-21) mostra que a rigidez e as deformidades corporais

também podem suscitar o riso: um homem corcunda, uma pessoa de olhos grandes ou um nariz avermelhado, por exemplo. Essas deformidades tornam-se risíveis a partir da observação hostil que não se compadece diante dessas diferenças consideradas como defeitos leves. A rigidez de caráter seria, no entanto, um defeito grave. Isto é, pobreza psicológica, loucura, insociabilidade, caráter bom ou mal em excesso, inadaptação da vida social (insociabilidade) são alvos do riso. Assim, o homem insociável ou o homem que tem a tendência para fechar-se em seu caráter são alvos do riso social porque aparecem como inadaptados à convivência social (BERGSON, 2007, p. 108-109).

A arte cômica soube utilizar bem esses defeitos leves e graves. Por exemplo, na obra *O Misanthropo*, de Molière, a personagem Alceste possui caráter extremamente honesto, porém, o que provoca o riso não é sua honestidade, mas o “excesso” dela. Trata-se de uma característica insociável, embora moral. Portanto, sua honestidade, dignidade e virtude em excesso levariam o indivíduo à insociabilidade pelo repúdio que tais valores poderiam suscitar em uma sociedade que não compartilha os mesmos valores. Conseqüentemente, um indivíduo como Alceste é cômico, deve ser punido e enquadrado com o riso que serve de corretivo do caráter (BERGSON, 2007, p. 102-104).

Mas a ocorrência de explosões violentas de sentimentos deixa a sociedade em estado de alerta para que sejam reprimidas com o riso. O riso castiga as diferenças que existem entre os homens em suas particularidades. Nessa reflexão, vemos mais uma vez a crítica de Bergson à sociedade quando esta impõe a seus membros uma forma de viver universalizada, adequada a apenas um modelo social. Enfim, a mecanização da vida se revela na mecanização das atividades e comportamentos humanos. Quando o mecânico se sobrepõe ao vivo, o homem se mostra como transfigurado em coisa ou em máquina.

Essa visão da situação mecânica no homem provoca o riso. Ao observarmos, por exemplo, um homem exercendo um trabalho fabril em que, para encaixotar pares de sapatos, repete constantemente os movimentos das mãos e braços, ao longo do tempo perceberemos seu corpo como uma máquina, dada a repetição de seus movimentos. Visto como máquina, o corpo do homem exprime uma imagem risível que se movimenta mecanicamente para realizar a atividade do seu trabalho em comunhão com a padronização que a sociedade demanda.

Se tais situações são risíveis, então entendemos que a sociedade ri de si mesma. E, caso o trabalhador “mecânico” perceba que é vítima do riso, buscará minimizar ou, até mesmo, mudar seu movimento corporal de modo que possa exercer a elasticidade do seu corpo realizando sua atividade distintamente. Haveria, dessa maneira, atividade livre do corpo em

harmonia com a alma do homem, ou seja, com os seus desejos e com sua maleabilidade em favor de uma atividade menos mecânica do seu corpo. Destacamos agora uma passagem d'*O riso* em que Bergson deixa clara essa relação do mecânico com o vivido e de seu caráter risível:

De onde provém a comicidade? Do fato de o corpo vivo enrijecer-se como máquina. Parecia-nos, portanto, que o corpo vivo deveria ser a flexibilidade perfeita, a atividade sempre alerta de um princípio sempre em ação. Mas essa atividade pertenceria realmente à alma, e não ao corpo. Seria a própria chama da vida, iluminada em nós por um princípio superior e entrevista através do corpo por um efeito de transparência. Quando no corpo vivo só vemos graça e flexibilidade, é porque desprezamos o que nele há de pesado, de resistente, de material enfim; esquecemos sua materialidade para só pensar em sua vitalidade, vitalidade que nossa imaginação atribui ao princípio mesmo da vida intelectual e moral. (BERGSON. 2007, p. 36-37)

Com a passagem acima, entendemos que há uma superposição do corpo sobre a alma e a visão dessa superposição pode gerar um efeito cômico, ou seja, o corpo do homem como matéria se mostra como algo inerte e rígido que se sobrepõe à sua alma que é leveza, energia viva. Entendemos que Bergson discute a relação do corpo com a alma para mostrar que a mecanicidade do corpo, isto é, o que ele tem de repetitivo e rígido, seria a expressão da comicidade humana. O corpo mecânico se impõe à alma flexível. Por esse motivo, a comicidade é como uma moldura social inserida no homem. E a percepção da moldura no homem poderia ser vista através das regras e padrões sociais que fecham o caráter e impõem movimentos mecânicos ao corpo. Assim, tem-se a visão do lado risível da natureza humana, ou seja, do lado mecânico, repetitivo, rígido e automático.

Mas, embora o corpo humano possa ser visto como matéria rígida, esse corpo poderia se modificar com o esforço da alma para se tornar mais flexível. Nesta perspectiva, o riso de um grupo social pode ajustar um indivíduo à sociedade, mas também fazê-lo despertar de seu mecanismo repetitivo, isto é, pode fazê-lo refletir sobre sua rigidez e sobre sua própria condição mecânica e mudar. Afinal, a sociedade pune com o riso o que ela mesma produz: o mecânico, o automático, o rígido. Assim sendo, a reflexão de Bergson nos mostra que somos risíveis na exata medida em que deixamos de ser nós mesmos e passamos a reproduzir de forma inconsciente o mecanismo social no qual estamos inseridos ou quando imitamos os outros.

Segundo Bergson,

Toda Rigidez do caráter, do espírito e mesmo do corpo será então suspeita para a sociedade, por ser o possível sinal de uma atividade adormecida e também de uma atividade que se isola, que tende a afastar-se do centro comum em torno do qual a sociedade gravita, de uma excentricidade enfim. E no entanto a sociedade não pode intervir nisso por meio de alguma repressão material, pois ela não está sendo

materialmente afetada. Ela está em presença de algo que a preocupa, mas somente como sintoma – apenas uma ameaça, no máximo um gesto. Será, portanto, com um simples gesto que ela responderá. O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social. (2007, p. 14-15)

Deste modo, para Bergson, o riso é uma resposta humilhante e corretiva da sociedade às inadequações de seus membros. Atitudes, discursos, explosão de sentimentos deverão ser alvos do riso. Bergson (2007, p. 13) afirma que “[...] a vida e a sociedade exigem de cada um de nós [...] uma atenção constantemente vigilante, a discernir os contornos da situação presente, [...] também certa elasticidade do corpo e do espírito que nos dê condições de adaptar-nos a ela”. Nesse sentido, podemos entender que a atenção do homem à vida se refere à atenção à sua própria maleabilidade que não é percebida quando se encontra tenso, imerso em suas atividades e funções sociais.

Nesse sentido, tensão significa praticidade atenta do homem para cumprir as demandas das funções da vida social. Porém, essa tensão não impede a realização da capacidade humana de reinvenção de sua própria vida, bem como o fluxo de movimentos flexíveis do corpo e também da alma/grça. Nessa discussão, tensão e elasticidade são “[...] forças complementares entre si que a vida põe em jogo” (BERGSON, 2007, p. 13), e demonstram o desafio do homem para se equilibrar entre elas. Para o filósofo, quando há desequilíbrio dessas forças, isto é, quando a tensão se sobrepõe à elasticidade, ou seja, quando o corpo se impõe a alma (grça) tem-se a visão da comicidade.

Em suma, em sua obra, Bergson (2007, p. 65-76) nos mostra que a vida em sociedade é como um Teatro de *Vaudeville* quando se esquece de si mesma.³ Assim, o filósofo traz exemplos de obras cômicas de *Vaudeville* para mostrar que essa forma de arte reflete a vida em sociedade. Atitudes, movimentos engraçados, rígidos, caricatos, diálogos repetitivos, mistura de atitudes e movimentos mecânicos da vida social são fontes de comicidade na arte cômica. Quando o homem não percebe que age de modo mecânico, torna-se então passível do riso corretivo.

Como vimos aqui, quando a atividade corporal se impõe absolutamente à alma, o homem age como máquina, isto é, de forma mecânica, automática e rígida. Daí a fórmula da comicidade ser descrita por Bergson (2007, p. 36) como “o mecânico sobreposto ao vivo”.

³ O *Vaudeville* foi um tipo de espetáculo teatral que começou na França no século XVIII e tinha como objetivo representar cenas da vida cotidiana de maneira cômica –, movimentos caricatos, atitudes, diálogos, canções etc, todas faziam parte desse espetáculo de variedades (SLIDE, 2012).

Os homens riem do que se mostra cômico na vida cotidiana para se libertarem do zelo de conservação, ou seja, do lado mecânico de si mesmos que é imposto pela sociedade e isso ocorre por meio de sua imersão em suas funções sociais. Dessa maneira, os homens riem da mecanicidade, ou seja, do lado social de si mesmos quando alguns servem de espetáculo a outros pela rigidez de seu corpo e de seu caráter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Le Rire*. Essai sur la significacion du comique. Paris: PUF, 1996.

BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, [S. d.].

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SIBERTIN-BLANC, G. “Le rire comme fait social total (éléments de sociologie bergsonienne)”. In: *Lire Bergson*. Editeur: Presses Universitaires de France - PUF; Édition: 2e édition, 2013.

SLIDE, A. *The encyclopedia of vaudeville*. University Press of Mississippi, 2012. Originally published: Westport, Conn.: Greenwood Press, 1994.